



## GRUPO OPERATIVO NA VILA TELMA: EXPERIÊNCIAS E INTERVENÇÕES

*Railda Wanessa de Souza Santos, Fernanda Ribeiro de Freitas, Sebastiana Simões Ramos, Gisele de Almeida Torres, Cleudinei Pereira de Almeida, Crislaine Pereira Mendes, Laura Lilian Ferreira Silva*

### Introdução

Esta produção é fruto de uma experiência com grupo operativo organizado no centro Comunitário Casa do Caminho que está estabelecido na Vila Telma em Montes Claros. A Casa do Caminho é uma instituição filantrópica que funciona todos os dias da semana com atividades específicas. O objetivo da entidade é de atender famílias carentes locais e de bairros circunvizinhos.

Considerando o contexto social e percebendo-se a grande experiência que o local poderia proporcionar ao mesmo tempo em que poderia ser psicossocialmente ajudado, foi criado na Casa do Caminho, há 3 anos, o grupo denominado “Tarde de Prosa” que a cada semestre é revitalizado por um novo grupo de acadêmicos. A criação desse grupo teve dois objetivos: abrir um campo de trabalho acadêmico com vista a atividades práticas de estágio supervisionado e através dessa prática, como segundo objetivo mas, não menos importante, acolher pessoas da comunidade, em situação de vulnerabilidade, na expectativa de ajudá-las na elaboração de suas experiências e no enfrentamento da possibilidade de mudanças.

Como pré-requisito dessa prática foi importante a caminhada acadêmica por disciplinas que teorizam a respeito da psicologia comunitária, a psicologia social, os processos grupais e as teorias e técnicas grupais. A vivência dessa prática, então, se deu pela observação, registro e também pela atuação direta no grupo operativo considerado. Nota-se que a comunidade em questão é carente e deixa transparecer a existência de problemas sociais e relacionais relativamente graves. Assim, o trabalho de grupo vem ao encontro dessa realidade na expectativa de contribuir com a aprendizagem e com mudanças importantes, sendo um facilitador do processo.

O trabalho de grupo, segundo Afonso [1], possibilita um circuito de trocas sociais, simbólicas e afetivas que envolve relação e comunicação. As dificuldades que decorrem dessas trocas, são devidas a fatores conscientes e inconscientes que o grupo apresenta e a partir dos quais o grupo se torna contexto da intervenção. Assim, é importante a análise de como as representações conscientes e inconscientes dos participantes se articulam às representações sociais enraizadas em seu contexto sociocultural.

Na psicologia social, encontrou-se fundamento para compreender o comportamento do indivíduo considerando primordialmente as influências sociais; que deve ser entendido num sentido abrangente e histórico, que contempla desde a origem da família, como seus membros se organizam para garantir a sobrevivência, costumes, sistema de valores, emoções diante das situações que se apresentam (alegria, tristeza, medo, ou outros sentimentos). Praticamente todo comportamento humano envolve componentes sociais e por isso a psicologia social se preocupa em conhecer como o homem se insere e como age nesse processo histórico [2].

A psicologia Comunitária, por sua vez, pode ser considerada um campo com uma unidade mínima, e pode significar a formalização de um novo paradigma de prática profissional do psicólogo. A proposta da psicologia comunitária diferentemente da psicologia tradicional está comprometida com os interesses populares [3]. O psicólogo comunitário concebeu uma nova visão para a profissão, que tem por principal objetivo estudar, compreender, conceituar e intervir nos meios pelos quais as comunidades alcançam de forma geral, a melhora do estado psíquico de seus moradores [4].

Com isso vemos a importância da integração entre várias disciplinas que alarga as fronteiras do conteúdo teórico-prático. A prática do estágio leva em conta a formação acadêmica, mas, também as demandas e necessidades locais.

### Materiais e Métodos

A inserção do profissional na comunidade se dá em fases: inicialmente o psicólogo tenta se tornar conhecido para assim potencializar as possibilidades de trabalho. Após firmar sua entrada na comunidade dá-se início ao processo de coleta de informações e interações com os moradores [5].

A oficina foi escolhida por ser um método de intervenção psicossocial estruturado, servindo como meio de desconstrução e re-construção, realizado em torno de uma questão central. Foram aceitas todas as mulheres que se dispuseram a participar do grupo, tendo uma média de dez mulheres por encontro. Foi estabelecido um total de oito encontros que ocorreram semanalmente, nas quartas feiras, das 14 às 17 horas, no período de 04 de agosto a 15 de dezembro de 2014.

Segundo Afonso [1], a oficina é um método de trabalho estruturado sendo focalizado em torno de uma questão central, com a autorização e colaboração do grupo que se propõe a elaborar; envolve o sujeito de maneira integral, na forma de pensar, agir e sentir. A oficina acontece em quatro momentos de preparação: demanda, pré-análise, foco e enquadre, e ainda, planejamento flexível.

A demanda é o processo no qual os indivíduos fazem uma primeira encomenda ao profissional, para em outros momentos definir outras demandas implícitas ou inconscientes. A análise psicossocial se faz importante para que oriente o coordenador na escolha dos subtemas e foco de discussão com o objetivo de qualificar esse coordenador para o encontro com o grupo e desenvolvimento do trabalho. O tema geral da oficina é o foco em torno do qual o trabalho será realizado [1].

O enquadre diz respeito ao número de participantes, o contexto institucional, o local, os recursos disponíveis e o número de encontros. O enquadre prepara uma estrutura para o trabalho que deve ser pensado de forma que facilite a expressão livre dos participantes, a troca de experiência, a relação com o coordenador, a privacidade dos encontros e o espaço de tempo para levar uma reflexão sobre o tema, com os limites institucionais de trabalho, ou seja, uma organização da Oficina [1].

O planejamento foi estruturado em pelo menos três momentos básicos: o momento inicial que prepara o grupo para o trabalho do dia, seja por meio de relaxamento ou de aquecimento; um momento intermediário, em que o grupo se envolve em atividades variadas que facilitem a elaboração e reflexão do tema trabalhado; um momento de sistematização e avaliação do trabalho do dia, permitindo melhor visualização da produção como “Grupo de trabalho”. É importante o estabelecimento do contrato, a regra do sigilo, o da palavra livre e outros aspectos que forem colocados como relevante junto ao grupo [1].

A vivência dessa prática, então, se deu pela observação, registro e também pela atuação direta no grupo operativo considerado. O estágio foi realizado sob a supervisão da Professora Laura Lílian Ferreira Silva e teve a participação de dez acadêmicos do sétimo período noturno do curso de Psicologia da Faculdade de Saúde Ibituruna (FASI).

Por ser um grupo operativo, contou-se com a participação das integrantes na execução das tarefas. A exemplo disso, houve a confecção de alguns objetos que as participantes levaram para suas casas ao fim das atividades, a saber: porta-pano, ímã para geladeira, criação livre com argila. Após a realização das tarefas era proposto um momento de socialização sobre o tema e a experiência vivenciada na realização da tarefa; esse momento é dado como muito importante no processo, pois constitui uma oportunidade de autoreflexão, autoconhecimento, verbalização de sentimentos, enfim, oportuniza uma elaboração das próprias vivências.

## **Resultados e discussão**

A intervenção psicossocial tem como objetivo principal proporcionar melhores condições humanas e de qualidade de vida. As experiências comunitárias apontam para a importância do grupo como condição para conhecimento da realidade comum, para a ação conjunta e organizada. Através da prática em questão, pode-se verificar e empregar os conceitos relacionados ao trabalho com grupos operativos. Inicialmente foi preciso identificar a demanda, que, como nos traz Afonso [1], é um momento complexo na psicologia social, em que os participantes do grupo colocam suas necessidades iniciais, para ao longo do processo, seja com dificuldade ou não, delimitar outras questões latentes ou inconscientes.

Pode-se constatar a importância do planejamento flexível, que destina-se a construir, por meio de alguns encontros, uma condição em que o grupo viva um processo de construção de suas questões, pois algumas vezes fomos surpreendidos ao trazer uma atividade que possuía um determinado foco e no momento da execução, devido a questões do grupo, o foco ser alterado e termos a necessidade de readaptar a direção proposta inicialmente [1].

Através das dinâmicas e oficinas de artesanato, propostas ao longo do processo, foi possível favorecer essa elaboração, e assim verificar a importância do uso de técnicas no processo grupal, pois são meios que favorecem a sensibilização e a interação [1]. Neste sentido, dentre os resultados alcançados o primeiro aspecto foi o comprometimento das mulheres participantes com o grupo. Foi possível percebê-las fazendo generalizações das reflexões do grupo para o dia a dia de cada uma. As diferenças entre elas serviram para possibilitar a visão de novas formas de encarar as questões que surgem em suas vidas com relacionamento com a família, autoestima, violência, uso de álcool e outras drogas, sexualidade e afetividade. Percebeu-se a elevação na autoestima e a busca para novas formas de interação extra grupo.

Labronici [6] nos faz compreender que a resiliência é um processo de mobilização interna que desencadeia um movimento de rupturas e de abertura existencial em direção ao outro, com o intuito de ser ajudado, de transcender a experiência vivida e encontrar um novo sentido para a existência. Ele ressalta que estimular o outro a ser resiliente

significa cuidar, no sentido de ajudar na superação do que é vivido; implica em rupturas com o outro e com o passado, para que possam se libertar, superar e adaptar-se ao novo, construindo assim uma nova existência.

## Conclusão

Muito mais que uma associação de teoria e prática, o estágio se apresenta como meio formador de identidade profissional, de elaboração de táticas e habilidades para o trabalho com grupos. Além disso, propicia o desenvolvimento de aptidões interpessoais que irão refletir tanto no campo pessoal como profissional [7].

O acadêmico, na experiência da prática pode mostrar sua criatividade, aperfeiçoar habilidades, reafirmar sua competência e até mesmo refletir sobre suas escolhas. Em contra-partida, a dinâmica desenvolvida e as intervenções propostas contribuíram com o movimento psíquico em favor do processo de mudança esperado nas relações sociais que envolvem os pares locais e que indiretamente impactam a comunidade. Essas minúcias se tornam evidentes em relatos das participantes nos momentos de sistematização e que ora transcrevemos alguns a título de exemplificação: “desde o início da atividade já fiquei me sentindo melhor; tinha saído de casa com a cabeça cheia de problemas e agora estou mais relaxada”; “Não tenho costume de me tocar”; “eu não recebo muito carinho”; “as crianças dormem na cama que seria minha e do meu esposo”; “nossa eu não havia percebido que isso não era bom”

Notou-se mudanças de comportamentos em situações muito simples do dia a dia como, por exemplo, cumprimentar as pessoas, mas muito significativas para o grupo. Efetivamente pudemos testemunhar que a experiência com grupos operativos que, como método de intervenção psicossocial, busca realizar um trabalho de elaboração sobre questões subjetivas, interpessoais e sociais, trouxe uma ampla contribuição a todos que estiveram imbuídos no projeto: a comunidade, as participantes, a supervisora e principalmente os acadêmicos estagiários.

## Referências

- [1] AFONSO, Maria Lúcia M. (Organizadora). **Oficinas em Dinâmica de Grupo: Um Método de Intervenção Psicossocial**. São Paulo, 1ª edição, Casa do Psicólogo, 2006.
- [2] LANE, Sílvia T. Maurer; **O que é Psicologia Social**. Coleção Primeiros Passos. Ed. Brasiliense. 4ª reimpressão. 2002. versão digital. Disponível em: <<http://groups.google.com/group/digitalsource>> Acesso em 27.set.2014.
- [3] VASCONCELOS, Eduardo M.; **O que é Psicologia Comunitária**. Coleção Primeiros Passos. Ed. Brasiliense. 1985.
- [4] ORNELAS, José. **Psicologia comunitária: Origens, fundamentos e áreas de intervenção. Análise Psicológica**. 1997.
- [5] FREITAS, Maria de Fátima Quintal de. Inserção na comunidade e análise de necessidades: reflexões sobre a prática do psicólogo. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, vol. 11, núm. 1, 1998.
- [6] LABRONICI, Líliliana Maria. Processo de resiliência nas mulheres vítimas de violência doméstica: um olhar fenomenológico. **Texto & contexto - enferm.** [online]. 2012, vol.21, n.3, pp. 625-632. ISSN 0104-0707. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=71424779018>> Acesso em 05.nov.2014.
- [7] RUDNICKI, Tânia; CARLOTTO, Mary Sandra. Formação de estudante da área da saúde: reflexões sobre a prática de estágio. **Rev. SBPH** v.10 n.1 Rio de Janeiro jun. 2007.